

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

**Ambiente virtual: análise de sua relevância na adolescência
por um olhar psicanalítico***Virtual space: an analysis of the relevance of this environment in adolescence
through a psychoanalytic view*Júlia VASCONCELOS-ARAÚJO¹Gustavo Henrique de BARROS²Fernanda Wanderley Correia de ANDRADE³

Resumo: A adolescência é um período no qual o indivíduo terá que lidar com novas demandas biopsicossociais. (Meltzer *apud* Levy, 2013) discute que, para que o sujeito atravessasse esse momento de forma saudável, será importante que transite entre quatro ambientes: família, adultos, pares e isolamento, não se fixando em nenhum deles. Na década de 90, uma geração nova, conhecida como Y, nascia imersa em um mundo com um novo ambiente: o virtual. Considerando isso, o presente estudo propõe discutir, sob o viés psicanalítico, o *ciberespaço* como um quinto ambiente na vida de adolescentes. Para isso, foi realizada uma revisão de literatura que totalizou uma amostra de 47 artigos, a partir dos bancos de dados da SciELO e Lilacs, em periódicos nas áreas de saúde e humanas, entre 2000 e 2021, lançando mão dos descritores “adolescência” e “internet”. Com base nos dados, sugere-se que o ambiente virtual faz parte da vida adolescente, e atravessa os outros quatro ambientes de formas distintas. Se utilizado adequadamente, pode ser um espaço de socialização, desenvolvimento, lazer, expressão, elaboração de questões, construção da subjetividade e identidade de jovens. Porém o vício em *internet*, considerado aqui “fixação no ambiente”, pode ocorrer, colocando em risco o espaço de ócio do indivíduo, sendo esse importante para a elaboração de questões durante a adolescência.

Palavras-chave: Adolescência. Desenvolvimento Humano. *Ciberespaço*. Psicanálise.

Abstract: Adolescence is a period in which the subject must deal with new biopsychosocial demands. Meltzer (*apud* Levy, 2013) argues that for the subject to cross this moment in a healthy way, it is important to transit through four environments (family, adults, peers, and isolation), not fixating on any of them. In the 1990s, a new generation, known as Y, was born immersed in a world with a new environment: the virtual one. Hence, the present study proposes to discuss, through a psychoanalytic point of view, the cyberspace as a fifth environment in the lives of adolescents. Therefore, a literature review was conducted totalizing a sample of 47 articles, from the SciELO and Lilacs databases, in journals in the areas of health sciences and humanities, between 2000 and 2021, using the descriptors “adolescence” and “internet”. Based on the found data, it is suggested that the virtual environment is part of adolescent life and crosses the other four environments in different ways. If used properly, it can be a space for socialization, development, leisure, expression, elaboration of issues, subjectivity and identity structuring for young people. However, internet addiction, here considered "fixation on the environment", can occur, putting at risk the space of idleness of the subject, which is important for the elaboration of issues during adolescence.

Keywords: Adolescence. Human development. Cyberspace. Psychoanalysis.

¹ Graduanda em Psicologia no Centro Universitário Frassinetti do Recife (UniFAFIRE), graduada em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco (UPE), mestre em Ecologia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: juulivasconcelos@gmail.com

² Graduando em Psicologia no Centro Universitário Frassinetti do Recife (UniFAFIRE), graduado em Turismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: ghbfreire@gmail.com

³ Doutora pelo Programa de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professora do Centro Universitário Frassinetti do Recife (UniFAFIRE), atuante no Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi-CEMPI transtornos mentais) da Prefeitura da Cidade do Recife e orientadora desta pesquisa | E-mail: fernandaa@prof.unifafire.edu.br

1 Introdução

Para a Psicanálise, a adolescência se caracteriza por uma revisão que o sujeito fará de seu mundo interno e vivências infantis, a fim de se adaptar à nova realidade decorrente da puberdade (Levy, 2013). Nesse sentido, para que possa ocorrer um desenvolvimento saudável do indivíduo, será importante haver um desprendimento da infância, que demandará a vivência de três lutos fundamentais: o da perda do corpo infantil; da identidade infantil e dos pais da infância (Freitas; Hagel, 2013). Esses lutos envolvem processos de subjetivação que vão representar um momento de reelaboração de aspectos da infância, permitindo que o indivíduo consiga se voltar para outras referências identificatórias, que não exclusivamente as parentais (Siniscalchi; Carneiro, 2019).

Nessa transição, a relação entre pais e filhos experimentará diversas mudanças (Trejos-Castillo; Vazsonyi, 2011), e receberá menor investimento por parte do jovem (Iarocci; Gardiner, 2015). Para Freud (1906), a libertação da autoridade dos pais, apesar de bastante dolorosa, é um dos processos mais necessários para o desenvolvimento individual. Conforme traz Levy (2013), a idealização das figuras parentais começa a perder força, no início dessa fase, e o amor objetal volta-se para si, em um movimento narcísico e de auto idealização. À medida que a adolescência avança, o investimento narcísico é atenuado, e o amor objetal passa a ser direcionado para outras figuras, além das parentais. Dentro desse contexto, o tempo gasto com os pares ganha mais investimento (Iarocci; Gardiner, 2015). Ainda, vivências românticas e sexuais começam a surgir, sendo uma das esferas que irão aproximar o indivíduo das experiências da vida adulta (Connolly; Mcisaac, 2009).

Diante de tantos desafios e transformações, de acordo com Meltzer (*apud* LEVY, 2013), para que o indivíduo vivencie a adolescência de forma saudável será importante que transite por quatro ambientes: familiar, adulto, pares adolescentes e o isolamento. Tais espaços vão servir como sustentação, organização e refúgios psíquicos, não podendo ocorrer fixação (exclusiva e prioritariamente) em nenhum deles. A fixação pode representar um sinal de psicopatologia.

O ambiente da família representará um refúgio para o qual o jovem poderá retornar, após suas incursões fora do lar, e o esquema familiar será o modelo a ser reproduzido. O ambiente adulto servirá de experimentação e verificação da sua adequação a esse novo espaço. O

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

ambiente dos pares, por sua vez, terá função primordial na construção psíquica do indivíduo, por promover identificações projetivas (Levy, *op.cit.*). Além disso, será um espaço livre da moratória social imposta pelos adultos (Calligaris, 2000), sendo fundamental para a formação identitária do sujeito. Por fim, o ambiente do isolamento irá representar um momento de refúgio necessário, no qual o adolescente poderá realizar as elaborações dos lutos fundamentais dessa fase, para que consiga lidar com as novas demandas da vida (Levy, 2013).

Levy (2013) comenta, também, sobre a geração Y, representada por pessoas que nasceram entre 1990 e 2000, imersas em uma esfera virtual da vida. O autor aponta que a *internet* tem potencial para influenciar a constituição da realidade psicossocial do sujeito, pela forma particular como as relações se estabelecem nesse espaço. Discorrendo brevemente sobre o “ambiente virtual”, Levy (2013) não aprofunda sobre como o *ciberespaço* pode ter instaurado um novo ambiente, além dos quatro mencionados anteriormente e como eles se relacionam.

Os avanços tecnológicos promoveram um “ambiente virtual” que se faz presente, hoje, no cotidiano de adolescentes a nível mundial (Van Zalk; Lee, 2020), sendo fundamental, também, na vida da maioria dos adultos.

Diante disto, o presente estudo objetivou discutir o espaço virtual como um outro “ambiente” importante para o processo de desenvolvimento da geração Y. Ainda se propôs a investigar de que forma ele pode estar interferindo nos demais ambientes, já percebidos como importantes nessa fase do desenvolvimento.

2 Método

A coleta e triagem bibliográfica ocorreu entre fevereiro e agosto de 2021. Os bancos de dados escolhidos para coleta foram: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Latim Literatura Americana e Caribenha* (Lilacs). Além disso, foi realizada uma pesquisa manual nas listas de referência dos artigos analisados ou revisões de literatura que não entraram na amostra, para identificar potenciais estudos que não foram recuperados pela busca automática e demonstraram ser relevantes para esta revisão.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: artigos publicados em inglês, português ou espanhol, em periódicos nas áreas de saúde e humanas, cujos títulos indicavam se tratar de um estudo voltado para adolescentes e espaço virtual, bem como essa relação com os ambientes

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

descritos em Levy (2013). Considerando que a geração Y surgiu no ano de 1990 (Levy, 2013), e que a adolescência dessa geração começou no ano 2000, selecionamos publicações a partir desse ano até abril de 2021.

Os critérios de exclusão assumidos foram: artigos de revisão; artigos repetidos, artigos que, após a leitura do resumo, não atenderam aos critérios de inclusão previamente mencionados, ou que, após a leitura na íntegra revelaram fugir do tema, e bibliografias que não passaram por uma revisão mais criteriosa como teses e dissertações, por exemplo. Como estratégia de busca, foram usados os seguintes descritores: “Adolescência” e “Internet” de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Embora a Organização Mundial de Saúde (OMS) compreenda a adolescência entre os 10 e 19 anos (Who, 1986), alguns estudos sugerem que a faixa etária que abrange melhor essa fase ocorre dos 10 aos 24 anos (Sawyer; Azzopardi; Wickremarathne; Patton, 2018). Sendo assim, foram considerados artigos que abrangeram a faixa-etária da adolescência entre 10 e 24 anos.

3 Resultados e discussão

A busca realizada totalizou 321 artigos, 268 na busca no Lilacs e 53 no SciELO. Foram separados, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 33 manuscritos das plataformas de busca e 12 da busca manual, reunindo um total de 45 para a elaboração deste trabalho (Tab. 1). Dos artigos considerados nesta investigação, foi possível perceber que há um atravessamento nos quatro ambientes discutidos em Levy (2013), pelo *ciberespaço*. A seguir será discutido como o ambiente virtual se insere no familiar, no adulto, nos pares de adolescentes e no isolamento, interferindo na subjetividade e construção da identidade.

3.1 Família

O *ciberespaço* é introduzido no universo do indivíduo, geralmente, ainda no ambiente familiar (Tabernerio; Aranda; Sánchez-Navarro, 2010), sendo a manutenção de contato com parentes um dos motivos que mais levam jovens a utilizá-lo, de acordo com Bordignon; Bonamigo (2017), Rial; Gómez; Braña; Varela (2014); Rosado; Jager; Dias (2014). É discutido por Levy (2013) que o retorno à família servirá para que adolescentes se assegurem de que não

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

houve nenhuma ruptura com suas figuras parentais, após os períodos de afastamento. Assim, consideramos que o *ciberespaço* também possibilita esse “retorno”, principalmente quando há um distanciamento físico. Por outro lado, quando se compara às relações de amizade, a conexão com membros da família no *ciberespaço* é menos presente (Correa; Vitaliti, 2018). Considera-se isso natural, posto que a relação com os pares se intensifica durante a adolescência, sendo importante para a formação identitária nessa fase do desenvolvimento.

Um dos pontos relevantes identificados na análise do banco de dados diz respeito ao controle parental. Primeiramente, é possível identificar maior controle dos pais sobre a rotina dos filhos, possibilitado pela agilidade na comunicação *online*. Tal fator é trazido como ponto positivo do ambiente virtual pelos pais participantes do estudo de Neumann e Missel (2019). Lima *et al.* (2015), no entanto, dão um alerta quanto a um possível exagero dessa prática. Segundo as autoras, atualmente, adolescentes acabam por tornarem-se objetos de controle dos pais. O excesso de controle, nesse aspecto, tem potencial de fazer emergirem sintomas, como transgressões no ambiente escolar.

Além disso, é sabido que alguns transtornos como a anorexia, podem ser formas defensivas de barrar figuras parentais controladoras e intrusivas (Ladeira; Coppus, 2016). Com isso, sugere-se que um espaço que facilite práticas intrusivas, como o virtual, poderá servir de catalisador de sintomas desse caráter e, devido a isso, é interessante que seu uso pelas figuras parentais, para tal fim, seja moderado.

Na amostra, foi trazida também a supervisão dos pais sobre a utilização dos dispositivos eletrônicos por parte dos filhos. Nesse aspecto, uma postura acolhedora, voltada a instruir os filhos quanto à utilização do meio virtual, de forma saudável, constitui-se como uma estratégia mais eficaz, em detrimento da pura vigilância e controle (Yépez-Tito; Ferragut; Blancal, 2020). Essas autoras ainda demonstram que o controle parental não é um fator determinante na ocorrência do *sexting* (troca de mensagens pessoais com conteúdo sexual), por exemplo. Tal achado está de acordo com Campbell e Park (2014), que indicaram que adolescentes exercem sua autonomia *online*, independente do controle parental.

É relevante considerar que, na fase da adolescência, é importante que o sujeito sinta que tem controle sobre sua vida, o que vai exigir certa flexibilidade das suas figuras parentais (Falceto; Waldemar, 2013). Nesse sentido, sugerimos que o monitoramento parental, em relação ao uso do ambiente virtual por adolescentes, seja feito de forma cuidadosa. Esse deve

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

servir para protegê-los em relação aos riscos do *ciberespaço*, porém sem fazer com que se sintam privados do seu espaço de liberdade e experimentação.

Conforme trazido por Calligaris (2000), na adolescência as transgressões são comuns e, de algum modo, solicitam reconhecimento. Essa lógica não é diferente no *ciberespaço*. Conforme traz Stengel, Moreira e Lima (2015), o ambiente virtual, pela precariedade de regulamentações, pode servir como um ambiente propício para transgressões e rompimento das amarras parentais, de forma que muitos adolescentes se utilizam de formas de ocultar suas atividades *online* (Reolid-Martinez *et al.*, 2016). Posta a dificuldade em rastrear os passos dos adolescentes em suas atividades *online*, convém considerar uma estratégia voltada para a inserção proativa desses indivíduos no mundo adulto, em detrimento de uma vigilância improdutiva.

É importante pontuar, ainda, que adolescentes podem se envolver em comportamentos de risco no ambiente virtual (Dias *et al.*, 2019), em parte, devido à tendência de transgredir normas. Se a família é um importante ambiente de retorno após as experimentações na esfera presencial (Levy, 2013), na virtual não é muito diferente. Dentre as variáveis que promovem proteção de jovens contra ciberagressão, o afeto e comunicação estabelecida com a família se mostram relevantes (Álvarez-Garcia; Nunez; Garcia; Barreiro-Collazol, 2018). Diante disso, é importante que os pais tenham conhecimento suficiente sobre tais tecnologias, de modo a, mais do que exercer um controle, possam ser uma referência e fonte de informação para seus filhos (Rial *et al.*, 2014).

3.2 Adultos

(Meltzer *apud* Levy, 2013, p. 174) traz, como um dos comportamentos comuns entre adolescentes, as “incurções pseudomaduras”. Essas não se apresentam como resultado de uma maturidade adquirida, mas como tentativa de aquisição forçada do título de adultos aos olhos dos pais. Dentro desse contexto, é comum que adolescentes busquem praticar tais incurções nas redes online, expondo-se, muitas vezes, a diferentes riscos – interação virtual com desconhecidos, *cyberbullying*, exposição de si, através de imagens e palavras – como bem pontuam Dias *et al.* (2019).

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

O anonimato no espaço virtual também oferece a possibilidade de ensaiar o papel de adulto. É de conhecimento geral que jovens burlam restrições etárias, construindo identidades fictícias, para a entrada em redes sociais e *sites* de relacionamento (Stengel *et al.*, 2015). Tendo-se essa transgressão como possibilidade, é de se imaginar que adolescentes alterem sua idade para se relacionarem com adultos, e verificarem se já possuem ideias e comportamentos suficientemente maduros, ou simplesmente para saberem como se sentem atuando como tais (Dias; La Taille, 2006). Faz sentido, também, que essa movimentação possa estar vinculada às fantasias genitais ou pré-genitais da adolescência, dentro da esfera romântica que começa a se apresentar e deslocar o indivíduo do lugar da infância para a adultez.

No âmbito da sexualidade, alguns artigos pontuam que relações românticas entre jovens, agora, podem ter início nas plataformas virtuais (Bordignon; Bonamigo, 2017). Também foi citado, em diferentes artigos, o fenômeno do *sexting*, por Cardoso *et al.* (2019); Falcke e Mosmann (2019); Resett (2019); Manoel; Lordello; Souza; Pessoa (2020); Yépez-Tito *et al.*, (2020). Esta prática é comum entre adolescentes, como se observa nos trabalhos há pouco citados de Cardoso *et al.* (2019); Resett (2019); e de Manoel *et al.* (2020), podendo ser vista através de uma ótica de emancipação que contribui para o desenvolvimento social e sexual do indivíduo (Campbell; Park, 2014).

Além do *sexting*, há também a busca por obtenção de informações no que tange à sexualidade (Aragão *et al.*, 2018) e o consumo de pornografia. Essa última permite a eclosão de fantasias diversas, sendo um recurso que, tem como principais usuários, adolescentes do sexo masculino, conforme trazem Maria-Álvarez *et al.*, (2008) e Ferreira *et al.* (2017). Ela se apresenta como uma forma de descarga excitatória, que não exige uma articulação de sedução com o objeto de desejo. Essa ausência do encontro com o outro pode constituir-se como um risco ao desenvolvimento sexual do adolescente.

Em conclusão, é compreensível que adolescentes se utilizem das redes para a introdução no mundo adulto. É no *ciberespaço*, longe dos olhos de outrem, que se abrem diversas possibilidades de interações e descobertas, muitas vezes, com o mínimo de exposição possível. Ainda achamos importante considerar as referências alienadas quanto ao real do sexo, que podem ser produzidas pelo consumo exacerbado de conteúdos adultos no ambiente virtual. Embora tal ambiente possibilite a distância física como relativa segurança para as primeiras experimentações sexuais, a alienação das experimentações presenciais pode ser problemática.

3.3 Pares de adolescentes

Segundo Levy (2013), a comunidade formada por adolescentes vai assumir um papel central na vida de jovens. Possivelmente, por essa razão, as pesquisas com as quais o estudo discute, em sua maioria, abordam a relação entre adolescentes no ambiente digital. Nesse sentido, o *ciberespaço* pode servir tanto para fomentar relações de amizade, conforme Spizzirri *et al.* (2017), Bordignon; Bonamigo (2017); Lira *et al.* (2017), López (2014); Rodríguez-Cárdenas (2014); Rial *et al.* (2014); Rosado *et al.* (2014); Cruz *et al.* (2018); românticas: Bordignon; Bonamigo (2017); Stengel *et al.* (2015); e sexuais: Cardoso *et al.* (2019); Resett (2019); Yépez-Tito *et al.* (2020); como para interações agressivas entre pares: Buelga e Pons (2012); Dias *et al.* (2019); Di Lorenzo (2012); Redondo-Pacheco *et al.* (2018).

A amizade é uma das principais conquistas na maturação individual, que é favorecida por um ego mais maduro (Gonçalves, 2005). No que tange a essa esfera, as redes sociais podem estimulá-las e mantê-las (Beserra *et al.* 2015 López (2014); Rodríguez-Cárdenas, 2014), mas também podem edificar relações superficiais (Bordignon; Bonamigo, 2017). No campo da amizade, por meio de projeções e identificações com os pares, a identidade do indivíduo vai se consolidando. Porém, vale ressaltar que, diferentemente do contato presencial, o contato virtual pode envolver perfis que se deslocam muito da realidade, promovendo elementos identificatórios irrealistas, dificultando, assim, esse processo.

Em relação à construção identitária, vários artigos da amostra deste estudo abordam que o *ciberespaço* irá impactá-la de diferentes formas, como referem Lima *et al.* (2016); Del Prete e Pantoja (2020); Fialho e Sousa (2019); Manoel *et al.* (2020); Yépez-Tito *et al.* (2020). Segundo Monte e Caldeira (2017), como consequência da perda da identidade infantil, adolescentes estão em busca de construir uma nova. Diante disso, um dos recursos dos quais irão lançar mão, para se desvencilharem da posição infantilizada, é a criação de grupos adolescentes, dos quais os adultos são excluídos (Calligaris, 2000). Considera-se que o mesmo pode ocorrer no *ciberespaço*, com jovens utilizando-se mais das redes sociais, sendo a interação em grupos uma das finalidades, como apontam Beserra *et al.*, 2015.

Embora os manuscritos encontrados não tenham tocado muito nesse ponto, destaca-se as diferentes redes sociais existentes atualmente – *Whatsapp, Facebook, Instagram e Tiktok* –

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

que permitem a criação de grupos, podendo ser um simulacro do que acontece na esfera presencial. (2014), por exemplo, encontraram que, no *Instagram*, o relacionamento entre pares é predominante, quando comparado à relação com familiares. Segundo Del Prete e Pantoja (2020), ao utilizarem redes virtuais, adolescentes sentem-se pertencentes a um grupo. Ainda de acordo com as autoras, por permitir estarem longe da supervisão de adultos, o *ciberespaço* se posta como ideal para promover sentimentos de pertencimento e reconhecimento.

Quanto às interações em comunidades *online*, Lima *et al.* (2012) chamam a atenção para o potencial de apagamento subjetivo e padronização do discurso que podem ocorrer nelas. Tem-se, como exemplo, o alto volume de conteúdos produzidos no *Tiktok*, baseados na repetição de danças e em “memes”, que seguem uma mesma fórmula pré-determinada. Porém não é possível considerar que isso seja necessariamente problemático, uma vez que Gonçalves (2005) aponta uma tendência de adolescentes que, ao passo que são inovadores, são repetitivos. Imitar faz parte da adolescência. Para a autora, os grupos têm suas próprias regras, às quais os sujeitos ficam submetidos. Neles, a relação entre pares vai fazer emergir angústias fusionais e de separação, por se assemelhar à relação com os objetos de amor primário. Nessa esfera, há uma necessidade de adequação, para que possa haver um ajuste a essa nova trama social, por isso, a repetição. No entanto, é importante que tal movimento seja feito de modo a permitir a manutenção de uma identidade minimamente autêntica.

Outro tópico frequente em nos achados desta pesquisa foi a prática do *cyberbullying*, a partir da observação de Álvarez-Garcia *et al.* (2018); Buelga e Pons (2012); Dias *et al.* (2019); Di Lorenzo (2012); Ferreiro *et al.* (2017); e Resett (2019). Levy (2013), por sua vez, ao dissertar sobre os grupos de adolescentes, traz, como fenômeno comum, a atribuição a um membro do grupo, considerado mais vulnerável, de materiais projetados dos demais integrantes. Dessa maneira, o grupo também pode ser um lugar de depósito de facetas indesejadas do *self*. O *bullying*, na esfera virtual, seria, nesse sentido, a reprodução do que já ocorre no presencial. Porém virtualmente o indivíduo que faz *bullying* não precisa lidar com a resposta emocional daquele que recebe, e que isso pode ser um problema para o ajuste psicossocial do sujeito que pratica esse ato.

Como pontuam Assunção e Matos (2014), a interação virtual e até a fuga do contato presencial fazem com que indivíduos, muitas vezes, não entrem em contato com os sentimentos e emoções daqueles que recebem suas mensagens. Dito isso, considera-se que, embora as redes

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

sociais mantenham pessoas em contato em tempo real e, de fato, facilitem a interação com as amizades, muito se perde no tocante à comunicação não verbal e respostas a situações sociais presenciais. Desse modo, é necessário que tais interações não se restrinjam tanto ao *ciberespaço*, e que o contato presencial seja sempre estimulado em jovens.

3.4 Isolamento

Segundo Levy (2013), o isolamento serve de refúgio psíquico, e é nele que adolescentes vão refletir e elaborar as questões da adolescência. No *ciberespaço*, os *blogs* podem servir para esse fim, representando uma interseção entre o mundo interno e externo do indivíduo (Freitas; Silva, 2014). Se o indivíduo se constitui como sujeito através do olhar de um outro, os diários virtuais servem para que adolescentes se lancem ao olhar de outrem. Acredita-se que, nessa movimentação, as questões do indivíduo vão tomando forma, para, então, serem elaboradas.

Outro aspecto importante, evidenciado nesta pesquisa bibliográfica, foi que adolescentes podem, por exemplo, relatar sobre suas transformações corporais que são vivenciadas nessa fase, em um processo de elaboração dos lutos da infância (Freitas; Silva, 2014), assim como o trabalho psíquico de separação dos pais, tão importante para a transição da infância para a vida adulta, também pode ser exercitado nos espaços virtuais (Lima; Santiago, 2010). Se o isolamento é tido como um retorno ao mundo interno e elaboração das questões que se apresentam para o sujeito na adolescência, o ambiente virtual pareceu ser uma “vitrine” de tal processo.

É importante pontuar que existem diferentes formas de isolar-se da realidade, durante a adolescência. Essas podem representar um medo de se expor no mundo real (isolamento fóbico), um medo de ser atacado (isolamento paranoide), um retraimento excessivo social e emocional (isolamento esquizoide), por se bastar a si mesmo (isolamento narcísico), por baixa autoestima (isolamento depressivo) e por viver em fantasias e/ou ilusões (isolamento histórico) (Eizirik, 2013).

Segundo Dias *et al.*, (2019), o espaço virtual pode alienar jovens da realidade na qual se inserem. Freitas e Silva (2014) também apontam que o afastamento da realidade, possibilitado por esse espaço, permite que o sujeito experimente o que não foi possível de outras formas. Muitas vezes, até o corpo real pode ficar de lado no *ciberespaço* (Lima *et al.*, 2016), havendo a

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

projeção de um corpo ideal. Outros artigos também pontuam o distanciamento que o mundo virtual pode ter do presencial (Del Prete; Pantoja, 2020; Monte; Caldeira, 2017). Nesse sentido, podemos falar em um isolamento fóbico e considerarmos que o espaço virtual, devido a todas as suas possibilidades deslocadas do real – filtros, identidade falsa, jogos – possa facilitá-lo.

Outro tipo de isolamento que também se evidencia nesta análise é o narcísico. Segundo Stengel *et al.* (2015), nos encontros virtuais, devido à ausência de corpos, o imaginário prevalece, favorecendo a expansão narcísica. De acordo com Levy (2013), a auto-idealização pode representar um tipo de defesa em relação aos sentimentos de solidão e desamparo, que surgem em decorrência do afastamento das figuras parentais. Nesse sentido, acredita-se que jovens podem utilizar-se dos artifícios presentes nas plataformas virtuais, como filtros e edições, para emoldurar e projetar essa imagem idealizada. É discutido na literatura que o *ciberespaço* permite, de fato, o exercício narcísico, com o sujeito sempre demandando a atenção de um outro (Rodrigues; Silveira; Correa, 2020) em que as redes sociais servem de “palco”, sempre vinculando-o a uma “plateia” (Lejderman; Zot, 2020). Desse modo, percebe-se que o isolamento fóbico e narcísico se articulam no meio virtual, por uma projeção de um eu ideal, afastado da realidade, que sempre deseja o gozo de um outro. Isso pode se expressar, por exemplo, nos perfis de *instagram* e *tiktok*.

Considerando que a fantasia pode ser engendrada na *internet* (Kelles; Lima, 2017), ganhando potência e até provocando certo desinteresse pelo mundo exterior (Stengel *et al.*, 2015), entende-se que o isolamento histérico pode ser facilitado no mundo virtual. Ainda, Torrente *et al.* (2014) encontraram que tanto a ansiedade social, como dificuldades nas habilidades sociais, em especial, com os pares, relacionaram-se diretamente com o vício em *internet*. Nesse sentido, o isolamento esquizoide também pode ser expresso no *ciberespaço* e até facilitado por ele. No *ciberespaço*, o indivíduo consegue blindar-se do contato social presencial, podendo, de algum modo, relacionar-se virtualmente. Desse modo, não precisará lidar com as emoções imediatas do interlocutor e encobrir as suas próprias.

Em relação ao isolamento depressivo, segundo Jiménez e Domínguez (2019), a baixa autoestima foi uma forte variável preditora para um uso problemático da *internet*. López e Rodríguez-Cárdenas (2014) também apontaram em seu estudo que as redes sociais facilitam a comunicação de pessoas com baixa autoestima. Ambos os estudos sugerem que o isolamento depressivo também pode estar presente no *ciberespaço*. Acredita-se que, em tal ambiente, o

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

indivíduo consegue entrar em contato com um mundo de informações, imagens e interações interpessoais, sem necessariamente precisar lidar com as angústias de se expor. O que parece proveitoso, no caso, de um isolamento depressivo.

Em relação ao isolamento paranoide, as informações falsas sobre identidade (Dias; La Taille, 2006), anonimato (Buelga; Pons, 2012; Stengel *et al.*, 2015), assim como a utilização do espaço virtual para mediar, majoritariamente, relações interpessoais, podem representar esse tipo de isolamento. Porém, quando o indivíduo é vítima de uma *ciberagressão*, não é possível que se proteja ou se distancie dela, e sua casa deixa de representar um refúgio (Di Lorenzo, 2012). Sendo assim, a partir dos artigos, é possível compreender que o isolamento paranoide pode tanto ocorrer no ambiente virtual, como se intensificar devido a ele.

Ademais, é importante também assinalar que esses tipos de isolamento não ganham, necessariamente, um caráter patológico. Faz parte da adolescência isolar-se, para poder lidar com tamanhas transformações características dessa fase da vida. Embora apresente aspectos negativos, considera-se que o uso das redes não se configura, em geral, como isolamento patológico de adolescentes, mas como formas alternativas que encontram de transitar pelos demais espaços, usando a *internet* como ponte para as relações que constrói. O problema seria apenas a fixação (exclusiva e prioritária) no espaço virtual, que impediria a circulação nos outros espaços, a ponto de não conseguir ter o processo de isolamento pessoal para a revisão das questões advindas da infância.

3.5 Fixação no ambiente virtual e seus desdobramentos

Como indica Levy (2013), a fixação rígida em um dos quatro ambientes pode representar psicopatologias. Com o *ciberespaço* não seria diferente, uma vez que estudos apontam para o seu uso excessivo, patológico, dependente ou compulsivo (Young; Abreu, 2011). Como um dos fatores que sinalizam o uso patológico de *internet* é o tempo de utilização do *ciberespaço* (Young; Abreu, 2011), sendo considerado vício o uso estimado de 38 horas, ou mais por semana (Beard; Wolf, 2001), iremos considerar esse “vício” de acordo com o que Levy (2013) chamou de “fixação no ambiente”.

Considerando os achados desta pesquisa, o uso excessivo do *ciberespaço*, de acordo com Cruz *et al.* (2018) pode servir como uma ferramenta para lidar com as dificuldades; ou fugir

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

de dificuldades pessoais (Jiménez; Dominguez, 2019); dificuldades nas habilidades sociais (Terroso; Argimon, 2016; Torrente *et al.*, 2014) e/ou resultado de conflitos relacionais com as figuras parentais (Terres-Trindade; Mosmann, 2016). Além disso, pode ser uma forma de lidar com os sentimentos negativos provenientes de uma relação de apego adversa, sendo a relação com a figura materna mais significativa (Ballarotto *et al.* 2018).

Um dos caminhos pelos quais é possível compreender a adicção se sustenta nas relações objetais. Para Winnicott, indivíduos que, na infância, não encontraram sustentação ambiental adequada em suas relações primárias, tendem à compulsão, à repetição (*apud* Gurfinkel, 2011) e hiper investimento nos objetos transicionais, apresentando predisposição para o vício (*apud* Gurfinkel, 2007). Nesse sentido, há uma inversão em tais relações, na qual, ao invés de o indivíduo utilizar-se de um objeto a serviço do desejo, torna-se objeto do seu objeto (Gurfinkel, 2011) e a repetição compulsiva será a única fonte de prazer para o indivíduo (Gurfinkel, 2007). Dito isso, faz sentido que uma das razões para a fixação no ambiente virtual se dê em decorrência de conflitos com as figuras de cuidado. Nesse sentido, a partir dos artigos analisa-se que o hiper investimento libidinal no *ciberespaço* pode representar uma tentativa de recusa tanto das figuras de amor primário, como do ambiente externo, em geral, uma vez que pode ter havido uma falha no processo de transição objetal.

Segundo Bowlby (2001), o tipo de apego experimentado com as figuras parentais, ainda na infância, irá repercutir, também, nas futuras relações do indivíduo. Assim, tanto o uso excessivo de *internet*, decorrente do tipo de apego adverso, como as dificuldades no âmbito social podem ter raízes nas relações com os objetos primários. Desse modo, o indivíduo não desloca seu investimento libidinal para objetos do mundo externo, de modo a construir outras relações e fortalecer a parental, mas se fixa no ambiente virtual que facilita o exercício narcísico do sujeito, como discutido em Ciquini (2020).

Segundo Levy (2013), na fixação em um dos ambientes, a onipotência e idealização ganham protagonismo, podendo ser uma forma de o indivíduo lidar com o sentimento de impotência. Além disso, o ambiente virtual promove o exercício do *cibernarcisismo* (Ferreira, 2014). Diante disso, sugere-se que, em uma contemporaneidade que tanto cobra do indivíduo a manutenção de uma imagem ideal, a fixação no *ciberespaço* pode ser estimulada. Além de facilitar a manutenção de uma imagem irreal, tal ambiente dá visibilidade ao sujeito. As redes

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

sociais, por exemplo, permitem que usuários projetem uma imagem de si que se desloca do eu real, fazendo do *ciberespaço* um lugar, também, de idealizações e onipotência.

Quanto à utilização do *ciberespaço* para lidar com dificuldades pessoais, entende-se que a fixação no espaço virtual preenche e tampona a mente, com os conteúdos e atividades advindos desse ambiente. Isso pode significar a evitação do vazio, da falta e do tédio, não permitindo que o adolescente entre em contato consigo mesmo e com os seus objetos internos. Tal contato é crucial para a travessia saudável da adolescência para a adultez, e permite a experimentação do “ócio” potencialmente criativo.

O *ciberespaço*, com todas as suas possibilidades e facilidades, se utilizado de forma inadequada, pode impactar negativamente no desenvolvimento de jovens. Puentes e Parra (2014) concluíram que há uma correlação direta entre alguns problemas de externalização e tempo de uso de redes sociais. Bullón *et al.* (2019) e Méa, Biffe e Ferreira (2016) verificaram o mesmo em relação a impactos negativos na saúde mental de jovens. Sendo assim, compreende-se a fixação nesse ambiente como uma forma ineficaz de enfrentamento das demandas oriundas da adolescência.

4 Considerações finais

O presente trabalho discute, além do uso do ambiente virtual por adolescentes, sua importância na transição da infância para a vida adulta. Nesse sentido, sugere-se que ele não apenas moldou a geração Y, como afirma (Meltzer *apud* Levy, 2013), mas se instaurou como um quinto ambiente importante na vida adolescente, que pode servir de refúgio psíquico, expressão individual e interação social, se utilizado de forma adequada. Além disso, o *ciberespaço* atravessa os demais ambientes de diferentes formas, como discutido anteriormente. Posto que na contemporaneidade a utilização do ambiente virtual encontra-se indispensável, esta pesquisa destaca como fundamental a apropriação desse espaço, para que o sujeito possa lidar com as demandas cotidianas da vida adulta, de forma adequada e autônoma.

A sugestão, por fim, que mais estudos sejam realizados, considerando as plataformas virtuais mais modernas, como *Tiktok* e *Instagram*, para compreender seus impactos na construção identitária, processos de subjetivação, relações interpessoais entre jovens e os diferentes aspectos que envolvem a transição da infância para a vida adulta.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

Referências

ÁLVAREZ-GARCÍA, D. *et al.* Individual, family, and community predictors of cyber-aggression among adolescents. **The European Journal of Psychology Applied to Legal Context**, Madrid, v. 10, n. 2, p. 79–88, 2018.

ARAGÃO, J. M. N. *et al.* O uso do Facebook na aprendizagem em saúde: percepções de adolescentes escolares. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 71, n. 2, p. 286–92, 2018.

ASSUNÇÃO, R. S.; MATOS, P. M. Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do *facebook*: um estudo qualitativo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 539–547, 2014.

BALLAROTTO, G. *et al.* Adolescent internet abuse: a study on the role of attachment to parents and peers in a large community sample. **BioMed Research International**, [S.l.], v. 2018, p. 1–10, 2018.

BEARD, Keith W.; WOLF, Eve M. Modification in the proposed diagnostic criteria for Internet addiction. **Cyberpsychology & behavior**, New Rochelle, v. 4, n. 3, p. 377-383, 2001.

BESERRA, E. *et al.* Comunicação e mobilidade: modelo de vida como mediador de diálogo com adolescentes. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, Sobral, v. 14, n. 1, p. 15–21, 2015.

BORDIGNON, C.; BONAMIGO, I. S. Os jovens e as redes sociais virtuais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 310–326, 2017.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

BUELGA, S.; PONS, J. Agresiones entre Adolescentes a través del Teléfono Móvil y de Internet. **Psychosocial Intervention**, Madrid, v. 21, n. 1, p. 91–101, 2012.

BULLÓN, F. F. *et al.* Salud mental de adolescentes españoles según variables contextuales y horas de uso de internet. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v. 18, n. 2, p. 1–12, 2019.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: PubliFolha, 2000.

CAMPBELL, S. W.; PARK, Y. J. Predictors of mobile sexting among teens: Toward a new explanatory framework. **Mobile Media and Communication**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 20–39, 2014.

CARDOSO, A. T.; FALCKE, D.; MOSMANN, C. P. Sexting: percepções de adolescentes sobre o fenômeno e acerca do papel das relações familiares. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 665–685, 2019.

CIQUINI, F. A estrutura mítica narcísica no imaginário midiático e nas selfies. **Logos**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 262–277, 2020.

CONNOLLY, J. A.; MCISAAC, C. Romantic Relationships in Adolescence. *In*: **Handbook of adolescent psychology**. [S. l.: s. n.], 2009. 137p.

CORREA, M. S.; VITALITI, J. M. Estudio sobre las redes sociales personales y las redes sociales virtuales en la cibercultura adolescente actual. **Summa Psicológica**, Santiago, v. 15, p. 134–144, 2018.

CRUZ, F. A. D. *et al.* Evaluation of internet addiction and the quality of life of Brazilian adolescents from public and private schools. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 35, n. 2, p. 193–204, 2018.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

DEL PRETE, A.; REDON PANTOJA, S. Las redes sociales virtuales: Espacios de socialización y definición de identidad. **Psicoperspectivas. Individuo y Sociedad**, Vina del Mar, v. 19, n. 1, p. 1–11, 2020.

DI LORENZO, M. Nuevas formas de violencia entre pares: del bullying al cyberbullying. **Revista Médica del Uruguay**, Montevideo, v. 28, n. 1, p. 48–53, 2012.

DIAS, A. C. G.; DE LA TAILLE, Y. O uso das salas de bate-papo na internet: um estudo exploratório acerca das motivações, hábitos e atitudes dos adolescentes. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 43–51, 2006.

DIAS, V. C. *et al.* Adolescentes na rede: Riscos ou Ritos de Passagem? **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, DF, v. 39, n.1, p. 1–15, 2019.

EIZIRIK, Cláudio L.; BASSOLS, Ana Margareth S. **O Ciclo da Vida Humana: uma Perspectiva Psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

FALCETO, O. G.; WALDEMAR, J. O. C. O ciclo vital da família. *In*: EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. (org.). **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artmed, 2013, p. 77-94.

FERREIRA, L. S. S. O Fascínio pelas Práticas Glociais Interativas: o Narcisismo em Rede. XIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 2014, Belém, **Anais [...]**, Belém, 2014.

FERREIRO, S. G. *et al.* Diferencias de sexo en el uso de internet en adolescentes españoles. **Behavioral Psychology/ Psicología Conductual**, Granada, v. 25, n. 1, p. 129–146, 2017.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A. de. Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais. **Revista Exitus**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 202, 2019.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

FREITAS, E. A. R. de; SILVA, L. C. A. da. Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 139–157, 2014.

FREITAS, Lúcia Helena; HAGEL, Lilian Day. A puberdade. *In*: EIZIRIK, Cláudio Laks; BASSOLS, Ana Margareth Siqueira (org.). **O ciclo da via humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre, RS: artmed, 2013. p. 155-166.

FREITAS, M. T. D. A. Sites construídos por adolescentes: novos espaços de leitura/escrita e subjetivação. **Caderno Cedex**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 87–101, 2005.

FREUD, Sigmund. “**A Gradiva de Jensen e outros trabalhos**”. Rio de Janeiro: Imago, 1906. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 11)

GONÇALVES, T. E. Do Homem Cordeiro para Outro Homem: apreciação Psicanalítica do Sentimento de Amizade. **Revista Mudanças: Psicologia da Saúde**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 151–174, 2005.

GURFINKEL, D. **Adicções**: clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do psicólogo, 2011.

GURFINKEL, D. Adicções: da perversão da pulsão à patologia dos objetos transicionais. **Psychê**, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 13–28, 2007.

IAROCCI, G.; GARDINER, E. Social Competence During Adolescence Across Cultures. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, [S.l.], v. 22, n. 2, 216–221, 2015.

JIMÉNEZ, M. de la V. M.; DOMINGUEZ, S. F. Uso problemático de internet en adolescentes españoles y su relación con autoestima e impulsividad. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 37, n. 1, p. 103–119, 2019.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

KELLES, N. F.; LIMA, N. L. Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 49, n.2 p. 202–233, 2017.

LADEIRA, T. de F.; COPPUS, A. N. S. Anorexia e adolescência: uma articulação à luz da psicanálise. **Reverso**, Belo horizonte, v.38, n. 71, p. 75–82, 2016.

LEJDERMAN, B.; ZOT, J. D. Narcisismo e Redes Sociais. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 2, p. 55–67, 2020.

LEVY, Ruggero. O adolescente. *In*: EIZIRIK, Cláudio Laks; BASSOLS, Ana Margareth Siqueira (org.). **O ciclo da via humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre, RS: artmed, 2013. p. 167-179.

LIMA, N. L. *et al.* Adolescência e saber no contexto das tecnologias digitais: há transmissão possível?. **Revista Asephallus**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p. 42-65, 2016.

LIMA, N. L. *et al.* Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola. **Estilos Clínicos**, São Paulo, v. 20, n.3, p. 1-23, 2016.

LIMA, N. L. *et al.* Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 2–18, 2012.

LIMA, N. L. *et al.* Adolescência e saber no contexto das tecnologias digitais: há transmissão possível? **Revista ASEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 10, n.20, p. 70–83, 2015.

LIMA, N. L.; SANTIAGO, A. L. B. Por que os adolescentes escrevem diários na rede? A escrita de si no universo virtual. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 5, n.1, p. 53–64, 2010.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

LIRA, A. G. *et al.* Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 3, p. 164–171, 2017.

LÓPEZ, C. B.; RODRÍGUEZ-CÁRDENAS, D. E. Percepción de Amistad en Adolescentes: el Papel de las Redes Sociales. **Revista Colombiana de Psicología**, Colombia, v. 23, n. 2, p. 325–338, 2014.

MANOEL, D. F. *et al.* Sexting e Adolescência: a Emergência de Novos Temas para a Psicologia do Desenvolvimento **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 37–50, 2020.

MARIA-ÁLVAREZ, J. *et al.* Acceso a páginas pornográficas en Internet y Comunicación familiar sobre sexualidad en adolescentes del distrito de “El Agustino”, Lima - Péru 2006- 2007. **Horizonte Médico**, San Martín de Porres, v. 8, n. 1, p. 35–44, 2008.

MÉA, C. P. DELLA; BIFFE, E. M.; FERREIRA, V. R. T. Padrão de uso de internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 243–264, 2016.

MONTE, S. R.; CALDEIRA, A. R. As representações de adolescentes sobre si mesmos no mundo real e virtual: um estudo psicanalítico. **Revista AMAzônica**, Humaitá, v. 10, n. 1, p. 102–131, 2017.

NEUMANN, D. M. C.; MISSEL, R. J. Família Digital: a Influência da Tecnologia nas Relações Entre Pais e Filhos Adolescentes. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 23, n. 51, p. 75–91, 2019.

PUENTES, A. P. R.; PARRA, A. F. Relación entre el tiempo de uso de las redes sociales en internet y la salud mental en adolescentes Colombianos. **Acta Colombiana de Psicología**, [S. l.] v. 17, n. 1, p. 131–140, 2014.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

REDONDO PACHECO, J. *et al.* Ciberacoso en una muestra de adolescentes de instituciones educativas de Bucaramanga. **Psychologia**, Madrid, v. 12, n. 1, p. 35–44, 2018.

REOLID-MARTÍNEZ, R. E. *et al.* Frecuencia y características de uso de Internet por adolescentes españoles. un estudio transversal. **Archivos Argentinos de Pediatría**, Buenos Aires, v. 114, n. 1, p. 6–13, 2016.

RESETT, S. Sexting en adolescentes: su predicción a partir de los problemas emocionales y la personalidad oscura. **Escritos de Psicología - Psychological Writings**, Málaga, v. 12, n. 2, p. 93–102, 2019.

RIAL, A. *et al.* Actitudes, percepciones y uso de Internet y las redes sociales entre los adolescentes de la comunidad gallega (España). **Anales de Psicología**, Murcia, v. 30, n. 2, p. 642–655, 2014.

RODRIGUES, A. P. G.; SILVEIRA, L. R.; CORREA, C. A. Internet, Narcisismo e Subjetividade: Reflexões Sobre a Constituição do Sujeito Na/Pela Rede Social. **Psicanálise & Barroco em revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 132–150, 2020.

ROSADO, J. S.; JAEGER, M. E.; DIAS, A. C. G. Padrões de Uso e Motivos para Envolvimento em Redes Sociais Virtuais na Adolescência. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 13–23, 2014.

SAWYER, S. M. *et al.* The age of adolescence. **The Lancet Child and Adolescent Health**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 223–228, 2018.

SINISCALCHI, M.; CARNEIRO, C. Adolescência, Luto e História. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 41, p. 141-153, 4 dez. 2019.

SPIZZIRRI, R. C. P. *et al.* Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. **Psicologia Argumento**, v. 30, n. 69, p. 327–335, 2017.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

STENGEL, M.; MOREIRA, J. O.; LIMA, N. L. O amor na internet: um encontro amoroso de um adolescente. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 319-330, 2015.

TABERNERO, C.; ARANDA, D.; SÁNCHEZ-NAVARRO, J. Juventud y tecnologías digitales: espacios de ocio, participación y aprendizaje. **Revista de estudios de juventud**, Catalunya, v. 5, n. 88, p. 77–96, 2010.

TERRES-TRINDADE, M.; MOSMANN, C. P. Conflitos Familiares e Práticas Educativas Parentais como Preditores de Dependência de Internet. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 21, n. 3, p. 623–633, 2016.

TERROSO, L. B.; ARGIMON, I. I. de L. Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 200–219, 2016.

TORRENTE, E. *et al.* Asociación de la adicción a Internet con la ansiedad social y la falta de habilidades sociales en adolescentes españoles. **Terapia Psicológica**, Santiago, v. 32, n. 3, p. 175–184, 2014.

TREJOS-CASTILLO, E.; VAZSONYI, A. T. Transitions into Adolescence. **Encyclopedia of Adolescence**, [s.n., S.l.], 2011.

VAN ZALK, N.; LEE, S. H. Links between online communication and compulsive internet use in adolescence: Is there a reason to worry? **Online Peer Engagement in Adolescence**, London, p. 85–102, 2020.

WHO. World Health Organization. Young people's health: a challenge for society. **WHO**, Genebra, 1986.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

YÉPEZ-TITO, P.; FERRAGUT, M.; BLANCA, M. J. Sexting in adolescence: the use of technology and parental supervision. **Revista Latinoamericana de Psicología**, Bogotá, v. 52, n.12, p. 115–130, 2020.

YOUNG, K.; DE ABREU, C. N. **Internet Addiction: a Handbook and Guide to Evaluation and Treatment**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc., 2011.

DOI: 10.24024/23579897v33n1a2024p01070130

Anexo I

Tab. 1 Autoria e ano dos artigos por plataforma de busca

Plataforma de busca	Referências
Lilacs	Cardoso, Falcke, & Mosmann (2019); Cruz, Scatena, Andrade, & Micheli (2018); Dias & La Taille (2006); Kelle & Lima (2017); Lima & Santiago (2010); Lima et al., (2015); Lima et al., (2016); Lima et al., (2016); Maria-Álvarez et al., (2008); Manoel, Lordello, Souza, & Pessoa (2020); Reolid-Martínez et al., (2016), Rosado, Jager, & Dias (2014); Correa & Vitaliti (2018); Spizzirri (2017); Wagner, Mosmann, & Armani (2012); Stengel, Moreira, & Lima (2015).
Scielo	Álvarez-Garcia, Nuñez, García, & Barreiro-Collazo (2018); Buelga & Pons (2012); Del Prete & Pantoja (2020); Jiménez & Domínguez (2019); Resett (2019); Rial, Gómez, Braña, & Varela (2014); Yépez-Tito, Ferragut, & Blanca (2020).
Lilacs & Scielo	Assunção & Matos (2014); Dias et al., (2019); Di Lorenzo (2012); Freitas & Silva (2014); Lima, Souza, Rezende, & Mesquita (2012); Lira, Ganen, Lodi, & Alvarenga (2017); López & Rodríguez-Cárdenas (2015); Puentes & Parra (2014); Redondo-Pacheco, Luzardo-Briceño, Inglés-Saura, & Rivero (2018); Terres-Trindade & Mosmenn (2016); Torrente, Piqueras, Orgilés, & Espada (2014).
Busca manual	Aragão et al., (2018); Ballarotto, Volpi, Marzilli, & Tambelli (2018); Beserra, Sousa, Alves, & Gubert (2015); Bordignon & Bonamigo (2017); Bullón, Valverde, Barco, & Castaño (2019); Campbell & Park (2014); Ferreiro, Salgado, Harris, Tobio, & Boubeta (2017); Fialho, & Sousa (2019); Monte, & Caldeira (2017); Neumann, & Missel (2020); Taberner, Aranda, & Sánchez-Navarro (2010); Terroso & Argimon (2016).